

A Narrativa do Vilão no Basquete Nacional: Estudo de caso sobre Nenê e a Copa América de 2013

Autor UM¹
Pereira, Caio.

RESUMO

A mídia é capaz de criar ou reforçar narrativas que se estabelecem no imaginário coletivo do público, gerando amor ou ódio por personagens das histórias contadas. Nesse sentido, o presente trabalho busca identificar como a narrativa do vilão está inserida na imprensa esportiva brasileira como a antítese do herói. Com essa finalidade, foram analisadas matérias do jornal O Globo sobre a Copa América de Basquetebol Masculino da Venezuela, em 2013, com foco na construção da imagem negativa do atleta Nenê Hilário.

Palavras-chave

Narrativa de vilão; Nenê Hilário; jornalismo esportivo; basquete nacional.

The Villain's Narrative in National Basketball A case study on Nenê and the 2013 America's Cup

ABSTRACT (Calibri corpo, tamanho 11)

The media is capable of creating or reinforcing narratives that are established in the public's collective imagination, generating love or hate for characters in the stories told. In this sense, the present work seeks to identify how the villain's narrative is inserted in the Brazilian sports press as the antithesis of the hero. For this purpose, articles from the newspaper O Globo about the basketball Americas Championship in Venezuela, in 2013, were analyzed, focusing on the construction of the negative image of the athlete Nenê Hilário.

Keywords

Villain narrative; Nenê Hilário; sports journalism; national basketball

Submetido em: 03/08/2026 – Aprovado em: 08/09/2026 – Publicado em: 08/09/2026

1

Graduado em Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ. 2023. caiopspereira@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Desde 2002, quando Nenê Hilário se tornou o primeiro brasileiro de destaque na NBA – principal liga de basquete dos EUA e uma das mais importantes do mundo, a seleção brasileira de basquete convive com a ausência de seus talentos que atuam no principal campeonato da modalidade. Coincidência, ou não, o time de basquete do Brasil, que já não tinha se classificado em 2000, ficou de fora das Olimpíadas de 2004 e 2008.

No entanto, em 2011, a seleção foi vice-campeã da Copa América, conseguindo a classificação para os Jogos de 2012. Atletas da NBA, Nenê e Leandrinho pediram licença da seleção e não participaram do torneio, o que fez com que houvesse dúvidas quanto à convocação deles para o campeonato mais importante da modalidade em Londres. Na época presidente da Confederação Brasileira de Basketball (CBB), Carlos Nunes afirmou que, como torcedor, não convocaria Nenê e Leandrinho. “Não é que tenham traído a seleção, nem é retaliação. Mas os garotos roeram o osso, e na hora do filé mignon, chamam os da NBA?” (O Globo, 12/04/2012).

Contudo, as mágoas foram superadas e a dupla não só foi convocada, como disputou as Olimpíadas e ajudou o Brasil a conquistar o 5º lugar na competição. Tudo indicava que a seleção daria continuidade ao bom resultado nos próximos torneios. No entanto, os jogadores da NBA voltaram a pedir dispensa para a CBB em 2013, na disputa da Copa América em Caracas, Venezuela. O torneio serviu como eliminatória para o Campeonato Mundial de 2014, na Espanha. Sem seus principais jogadores, a seleção perdeu todos os quatro jogos da Copa América, não se classificando para o Mundial.

No dia seguinte ao resultado negativo, o jornalista Claudio Nogueira foi enfático: “Ontem, pela última rodada do Grupo A, o Brasil foi eliminado pela Jamaica por 78 a 76, no pior dia da história de seu basquete (...)” (O Globo, 04/09/2013). A matéria intitulada “Vergonha Continental” já começava o que seria uma caça às bruxas.

À exceção de Tiago Splitter, do San Antonio Spurs, que sempre participou dos torneios, Nenê Hilário, do Washington Wizards, Anderson Varejão, do Cleveland Cavaliers, e Leandrinho, sem time, têm histórico de pedidos de dispensa. Na NBA desde 2002, o pivô Nenê só foi ao Pré-Olímpico de 2003 e a Londres 2012. Ficou fora de nove torneios importantes. (O Globo, 05/09/2013)

No dia 12 de outubro de 2013, um pouco mais de um mês depois da eliminação, a NBA realizou sua primeira partida no Brasil. Washington Wizards e Chicago Bulls enfrentaram-se na HSBC Arena, no Rio de Janeiro, em jogo amistoso de pré-temporada. Nenê Hilário, que defendia o time de Washington, foi vaiado por parte da torcida brasileira. O ex-jogador e, então, comentarista Oscar Schmidt corroborou com a atitude: “O povo está certo.

Sem os *NBA's* a gente não ganha nem da Jamaica. Nenê e Leandrinho deram um calote na seleção brasileira” (*O Globo*, 13/10/2013).

O episódio das vaias a Nenê “pôs às claras o quanto estão arranhadas as imagens dos brasileiros da NBA” (*O Globo*, 13/10/2013). Outrora vista como uma das forças do continente, a seleção brasileira de basquete havia terminado a Copa América em último lugar do seu grupo e a culpa, segundo parte da imprensa, era dos jogadores que, independentemente do motivo, estavam ausentes mais uma vez.

Analisar a narrativa do vilão na imprensa esportiva é um exercício importante para avaliar como as derrotas esportivas são interpretadas na grande mídia. Muitas vezes os aspectos técnicos e táticos são ignorados, assim como os atributos de quem derrotou a seleção de basquete masculino. Tudo em prol de uma lógica que escolhe alguns indivíduos como os únicos culpados pelo mal resultado.

Talvez isso se dê pela forma como o esporte é visto pela sociedade. “Manifestação capaz de provocar grande emoção e comoção, o esporte se diferencia de outros espetáculos por levar protagonistas e espectadores a se posicionarem” (RUBIO, Katia. 2006). No que diz respeito às equipes e atletas que representam o Brasil em competições internacionais, a emoção fala ainda mais alto no jornalismo esportivo.

O jornalismo tem um importante papel na formação da opinião pública. Por isso, esta monografia acredita que a narrativa construída pela imprensa esportiva para o fracasso da Copa América influenciou os fãs de basquete que se manifestaram de forma negativa com relação a Nenê. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar de forma qualitativa as matérias do jornal *O Globo* sobre convocações, pedidos de dispensa e resultados da Copa América de 2013, a fim de identificar elementos que atribuem o papel de vilão ao pivô da NBA.

1.1 Principais ídolos do Basquete Masculino Nacional

Com a finalidade de contextualizar a história do basquete no país, este tópico busca apresentar brevemente a história de ídolos brasileiros da modalidade. Desse modo, além de ajudar a contar a história do basquete no Brasil, também é possível entender como é o imaginário de um ídolo deste esporte, ajudando a formar um contraponto a ideia de vilão.

Wlamir Marques, Amaury Pasos e Oscar Schmidt foram jogadores que tiveram passagens de destaque na seleção brasileira masculina de basquete. Wlamir e Amaury fizeram parte da geração que conquistou o bicampeonato mundial em 1959 e 1963, enquanto Oscar disputou cinco Jogos Olímpicos e conquistou o Pan-Americano de 1987.

1.2 Wlamir Marques

Nascido em 16 de julho de 1937, na cidade de São Vicente, no estado de São Paulo, Wlamir Marques recebeu sua primeira convocação para a seleção aos 16 anos.

Na época, o atleta jogava no Colégio Piracicabano, em Piracicaba. O adolescente fez parte do time que conquistou o vice-campeonato mundial, em 1954, no Rio de Janeiro. (MALVEIRA, 2013)

Segundo a biografia Wlamir Marques: o diabo loiro, de Auri Malveira, a partir desse momento, Wlamir teve grande destaque na seleção comandada por Kanela. Em 1959, o Diabo Loiro, como era conhecido o jogador, foi o cestinha brasileiro na conquista do Campeonato Mundial no Chile. O ala fez 149 pontos na competição.

Em 1963, Wlamir repetiu o feito e foi o cestinha do Brasil na conquista do bicampeonato mundial, com 108 pontos marcados no torneio disputado no Rio de Janeiro. O Diabo Loiro foi eleito o Melhor Jogador da competição.

Wlamir atuou apenas por três clubes em sua carreira, todos no Brasil: o XV de Piracicaba, onde jogou de 1955 a 1961 e foi campeão Paulista em 1957 e 1960; Corinthians, onde ficou de 1962 a 1972 e conquistou oito campeonatos paulistas em sequência, de 1964 a 1971; e Tênis Clube Campinas, onde Wlamir encerrou sua carreira em 1973 (MALVEIRA, 2013).

1.3 Amaury Pasos

Amaury Antônio Pasos nasceu no dia 11 de dezembro de 1935, na capital paulista. Recebeu sua primeira convocação para a seleção aos 17 anos de idade, junto de Wlamir Marques.

Os dois formaram a dupla que liderou o Brasil ao bicampeonato mundial em 1959 e 1963, além de duas medalhas de bronze olímpicas em 1960 e 1964. Amaury, que integra o Hall da Fama do Basquete, foi eleito o Melhor Jogador do Mundial de 1959, no Chile (MALVEIRA, 2013).

1.3 Oscar Schmidt

Nascido no dia 16 de fevereiro de 1958, em Natal, Oscar Schmidt foi o último grande ídolo da seleção brasileira masculina. Conhecido como Mão Santa, o ala participou de cinco olimpíadas: Moscou (1980), Los Angeles (1984), Seul (1988), Barcelona (1992) e Atlanta (1996). Exímio arremessador, Oscar é o jogador de basquete com maior número de pontos em Jogos Olímpicos: 1.093 (SCHMIDT, 2009).

O principal feito de Oscar com a seleção brasileira é a medalha de ouro no Pan-Americano de Indianápolis. O Mão Santa marcou 46 pontos na final contra a seleção dos Estados Unidos. Os norte-americanos nunca haviam perdido um jogo oficial em casa.

Oscar começou sua carreira em 1974, pelo Palmeiras, aos 16 anos. Em 1977 recebeu sua primeira convocação para a seleção principal, integrando a equipe que foi bronze no Campeonato Mundial de 1978. Em 1979, foi transferido para o Sírio, onde conquistou o Mundial Interclube no mesmo ano.

Em 1982, Oscar foi levado para a Itália, onde atuou durante onze anos. Defendeu o Juve Caserta por oito temporadas e o Pavia por outras três. O Mão Santa marcou 13.957 pontos no Campeonato Italiano e foi o primeiro atleta a ultrapassar a barreira dos 10 mil pontos na competição.

Teve uma passagem de dois anos pelo basquetebol espanhol, onde jogou pelo Forum, de Valladolid, entre 1993 e 1995. Depois retornou ao Brasil, onde defendeu o Corinthians (1995 e 1996), Banco Bandeirantes (1997 e 1998), Mackencenzie (1998 e 1999) e Flamengo (1999 a 2003), onde encerrou sua carreira (SCHMIDT, 2009).

2 REVISÃO DE LITERATURA

A imprensa utiliza referências presentes no imaginário do leitor para gerar conexão e sentido à notícia. Desse modo, há identificação e, conseqüentemente, reprodução de determinadas narrativas que atraem a atenção do público, afinal “o jornalismo também ajuda a identificar os objetivos da comunidade, seus heróis e vilões” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 31)

De acordo com Ronaldo Helal (2003), o esporte é o campo mais propício para o surgimento de “heróis reais” na sociedade. Este tipo de herói diverge dos heróis da ficção, presentes em filmes, livros, histórias em quadrinhos etc. Em torno dos heróis do esporte, “cria-se um personagem, editado pela mídia” (AMARO; HELAL, 2013). Portanto, a narrativa da imprensa pode contribuir para a construção de personagens heroicos nas vitórias, assim como vilões nas derrotas. Enquanto os heróis esportivos “devem agir para ‘redimir a sociedade’” (Ibid., p. 225), os personagens esportivos que não conseguem atingir o objetivo de redenção são candidatos à vilania.

Em relação aos esportes olímpicos, como o basquete, o aspecto coletivo das conquistas e os fracassos dos personagens costumam ser ressaltados. De acordo com Fausto Amaro e Ronaldo Helal, a disputa entre nações reforça o patriotismo e o espírito coletivo nos Jogos Olímpicos Modernos (2013). Logo, o atleta representa muito mais do que a si mesmo, ele representa seu país. No imaginário do torcedor, o sucesso é de toda uma nação, assim como o fracasso. Observa-se que essa lógica também está presente na imprensa esportiva.

Isso ocorre porque o discurso utilizado pelo jornalismo esportivo “muitas vezes se vê mesclado à lógica torcedora” (COSTA, 2008, p.56). Dessa forma, a construção da narrativa vai além de fatos apurados pelos jornalistas. “A emoção, no caso brasileiro, é um ingrediente vital para as histórias derivadas dos jogos” (COSTA, 2008, p.57), o que já foi apontado como preocupação por Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel: “a emoção deve estar na dose certa e sempre ser recheada de isenção” (2006, p. 46).

Ainda de acordo com Barbeiro e Rangel, o jornalismo esportivo “se confunde, frequentemente, com puro entretenimento” (2006, p. 13).

Por conta disso, a editoria muitas vezes possui maior liberdade para a construção de textos menos factuais, podendo recorrer a elementos narrativos característicos da literatura e da dramaturgia. Seguindo essa lógica, tanto a narrativa do herói, quanto a do vilão costumam ser utilizadas em reportagens esportivas. “Se o futebol – assim como os esportes de um modo geral – se transformou em um dos mais importantes produtores de figuras heroicas nas sociedades modernas, certamente, não poderia deixar de produzir figuras vilânicas” (COSTA, 2008, p. 66).

Guardadas as devidas proporções, este trabalho procura identificar se a narrativa do vilão também foi reproduzida na cobertura das derrotas da seleção brasileira de basquete na Copa América de 2013, tendo o atleta Nenê como foco principal.

3 METODOLOGIA

O presente artigo levantou uma pesquisa em matérias do jornal *O Globo* sobre o jogador de basquete Nenê Hilário, publicadas em 2013. Para este trabalho, foi adotada a metodologia da análise do discurso cujo objetivo é a melhor compreensão do significado da materialidade simbólica nos textos. Com isso, procura-se usar o método para interpretar o sentido do texto.

Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura. (ORLANDI, 2000, p.26-27).

Desse modo, foram coletadas publicações do acervo online do jornal *O Globo* que mencionaram o atleta Nenê Hilário no ano de 2013. No total, foram encontradas cinco publicações, que foram analisadas sob a perspectiva da Análise de Discurso.

A escolha de *O Globo* como objeto de pesquisa é justificada pela relevância do jornal, que foi fundado em 1925 e até os dias de hoje é considerado um dos principais veículos de jornalismo da cidade do Rio de Janeiro.

O presente estudo também é caracterizado como uma pesquisa qualitativa. De acordo com Branco (2014), esse tipo de abordagem interpreta fenômenos por meio de diferentes estratégias que permitem identificar e compreender os elementos que compõem determinado conjunto de conceitos.

Por fim, para a construção do referencial teórico, foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2008), esse procedimento é baseado na análise de materiais já publicados sobre a construção de heróis e vilões na mídia esportiva, como livros e artigos científicos, constituindo uma importante fonte de dados para o desenvolvimento de pesquisas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em setembro de 2013, a seleção brasileira de basquete disputou a Copa América, que também serviria como classificatório para a Copa do Mundo em 2014. Como já foi abordado, a equipe teve desfalques de jogadores importantes como Anderson Varejão, Tiago Splitter, Leandro Barbosa e Nenê Hilário. No entanto, a ausência dos atletas foi minimizada pelo armador Marcelinho Huertas após a primeira derrota na competição, contra Porto Rico: “Os jogadores aqui estão bem-preparados e têm certa experiência internacional na seleção.” (O Globo, 01/09/2013)

Posteriormente a equipe brasileira foi derrotada por Canadá, Uruguai e Jamaica, sendo eliminada da competição. Com isso, o tom das matérias mudou e teve grande enfoque na ausência de jogadores da NBA. É possível identificar críticas no âmbito moral, apesar dos pedidos de dispensa terem sido feitos por conta de questões físicas, como a lesão de fascite plantar de Nenê.

Ir à festa de casamento, para os comes e bebes, todos querem. Mas à cerimônia, muita gente dá desculpas para não ir. É o caso da seleção brasileira masculina de basquete. Sem os astros da NBA, a equipe deu vexame na Copa América da Venezuela, que classificará quatro países para o evento maior, o Mundial da Espanha-2014. (O Globo, 04/09/2013)

O uso das palavras “vergonha”, “vexame” e “humilhação” refletem a visão do jornal acerca do resultado negativo obtido pela seleção, no entanto, não há relatos sobre as partidas, não há críticas ao treinador, ao estilo de jogo ou às atuações dos jogadores que participaram da competição. Os vilões são os atletas ausentes.

No dia 05 de setembro de 2013, mais uma matéria do jornal abordava os pedidos de dispensa dos jogadores da seleção brasileira de basquete. O subtítulo de “Erros e Omissões” destaca o recorde negativo de Nenê: “Nenê foi o campeão de ausências: nove torneios, desde 2002” (O Globo, 05/09/2013). No primeiro parágrafo também há a afirmação de que o dia da eliminação precoce da Copa América de Basquete foi o pior dia da história da seleção masculina. Além disso, é importante ressaltar que “Ao mesmo tempo em que a única chance de ir ao Mundial é um convite da Federação Internacional de Basquete (FIBA), começou a caça aos culpados” (O Globo, 05/09/2013).

O texto segue com sua “caça às bruxas” e destaca o ponto de vista de Rubén Magnano, técnico da seleção. “A culpa é minha e dos atletas que não vieram” (O Globo, 05/09/2013). No entanto, é importante frisar que a matéria destaca a ausência de Splitter, Varejão, Leandrinho e Nenê.

Para o técnico da seleção, Rubén Magnano, muito se deve às ausências de jogadores que pediram dispensa por vários motivos, sendo quatro deles os 'NBAs' Tiago Splitter, Anderson Varejão, Nenê Hilário e Leandrinho. Os outros foram Faverani, Lucas Bebê (estes dois novatos na NBA), Augusto, Paulo Prestes e Marquinhos (por lesões). (*O Globo*, 05/09/2013)

No decorrer do texto, Nenê é mais uma vez enquadrado como o principal desertor da seleção. "Na NBA desde 2002, o pivô Nenê só foi ao Pré-Olímpico 2003 e a Londres-2012. Ficou fora de nove torneios importantes" (*O Globo*, 05/09/2013). O texto é complementado com o gráfico "A dispensas e seus motivos". Vale salientar que o próprio gráfico considera neste cálculo as seis competições que Nenê esteve ausente por lesões.

Na matéria "A Convite", o texto traz a fala de Carlos Nunes, então presidente da Confederação Brasileira de Basketball (CBB), que ameniza as críticas aos atletas ausentes e afirma que Nenê, Varejão e Leandrinho estavam machucados, fato ignorado nas análises feitas nos dias anteriores.

Passada a sequência de matérias após a eliminação da Copa América, uma notícia no dia seguinte ao primeiro jogo entre times da NBA disputado no Brasil evidencia a imagem que foi construída sobre Nenê. "Numa noite em que esperava ter sido aclamado, Nenê é vaiado pelo público, que não perdoa a ausência do pivô na Copa América" (14/10/2013). O texto ainda expõe que as vaias demonstram que as imagens dos atletas brasileiros da NBA estão arranhadas perante o público do país. Além disso, é realçado o papel de Nenê como a antítese do herói, representado por Oscar.

A primeira partida da história da NBA na América do Sul - Chicago Bulls 83 x 81 Washington Wizards - anteontem à noite, na HSBC Arena, na Barra, ficou marcada pelas 13.635 pessoas lotando o ginásio e pela polêmica envolvendo as vaias do público e as críticas de Oscar Schmidt ao brasileiro Nenê, do Washington. De anfitrião, este foi de certa forma transformado em vilão. (*O Globo*, 14/11/2013)

Ainda na mesma matéria, é destacada a opinião de Oscar de que Nenê não se importa com a seleção e, por conta disso, a torcida brasileira o vaiou. Na sequência, Nenê defende-se e apresenta sua versão de que o problema foi a falta de informação acerca de sua ausência. "Não preciso me defender de nada. Não bati, não roubei e não matei ninguém. (...) Não devo satisfações a pobres de espírito. Tudo teve explicação, mas não foi informado aos fãs" (*O Globo*, 14/11/2013).

Desse modo, o próprio atleta atribui a sua imagem de vilão à falta de informação, o que pode ser interpretado como uma crítica à imprensa.

Como foi analisado neste trabalho, em diversos momentos foi omitida a razão pela qual o jogador não participou da competição, deixando espaço para declarações que ignoram os problemas físicos do atleta ou até mesmo questionam a veracidade das lesões, como a fala de Oscar: “Por que os NBAs não vieram? (...) Todos estão machucados na hora do Pré-Mundial? Inacreditável! (O Globo, 05/09/2013).

5 CONCLUSÃO

Como artigo do campo da Comunicação Social, propôs-se, neste estudo, uma análise de como a ausência do atleta Nenê, na Copa América de Basquete, em 2013, teve uma repercussão negativa na mídia nacional e influenciou a forma como a sociedade passou a enxergá-lo: criando a imagem de um vilão. Isso se deu, principalmente, após a sequência de derrotas sofridas pelo time durante o campeonato. Desse modo, verificamos que, numa postura nacionalista, a mídia brasileira “saiu em defesa” do time desfalcado. Contudo, essa foi uma conduta questionável, vista a relevância e responsabilidade que deve haver por trás do modo como as narrativas são construídas pelos veículos de comunicação.

A respeito da narrativa de vilão aqui tratada, vale salientar que foi exposta justamente como uma antítese à narrativa do herói. Para auxiliar a definição desses conceitos no âmbito jornalístico, destacaram-se teóricos como Campbell (1997) e Barbosa (2018). A título de exemplificação, mencionou-se o atleta Oscar Schmidt, o maior “cestinha” da história do basquete e das Olimpíadas. Não por acaso, o ex-jogador também se tornou, ao longo da história, uma figura de grande apelo midiático, participando, com frequência, de propagandas e programas de televisão. Mais uma vez, destaca-se a importância da mídia, que, na mesma medida, é capaz de exaltar ou depreciar personalidades devido à forte conexão que estabelece com a sociedade e à forma como constrói narrativas.

Por outro lado, Nenê, jogador de basquete que está na essência desta análise, foi tido como vilão na imprensa esportiva, o que repercutiu na imagem negativa socialmente construída sobre ele. Por diferentes motivos (políticos e de saúde), o atleta teve de se ausentar em campeonatos importantes. Em muitas dessas ocasiões, o fato foi julgado pelo jornalismo com abordagens duras e tendenciosas. Contudo, é importante questionar se, de fato, Nenê pode ser considerado um vilão.

Ao ignorar a lesão que impossibilitou Nenê de participar da Copa América de 2013, o jornal O Globo contribuiu para criar a imagem de um atleta que não dá valor à seleção brasileira e, conseqüentemente, ao país. Haja vista a forte relação entre nacionalismo e esportes olímpicos. Foi possível analisar que esta narrativa é o oposto do ídolo Oscar Schmidt, valorizado pela mídia por conta de seus feitos defendendo o esquadrão brasileiro, além do amor à seleção. Desse modo, é possível afirmar que a narrativa construída pelo jornal coloca Nenê na posição de vilão, como a antítese de Oscar, perante o público brasileiro.

REFERÊNCIAS

AMARO, F.; HELAL, R. Heroísmo e olimpismo: a narrativa da Folha de São Paulo sobre os atletas brasileiros medalhistas nas Olimpíadas de Londres (2012). In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 36., 2013, Manaus. Anais [...]. Manaus: Intercom, 2013.

BARBEIRO, Heródoto; BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

BARBOSA, Reginaldo Osnildo. **Análise do fortalecimento da imagem do vilão mediante o medo expresso nas tecnologias do imaginário**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, 2018.

Campbell, Joseph. **O Herói de Mil Faces** - São Paulo, Cultrix, 1995.

CASTELO BRANCO, Érico Augusto Zanon. **O Instagram como instrumento de marketing digital: estudo de caso na Vanool Confecções**. 2014. 70 f. TCC (graduação em Administração) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Fortaleza/CE, 2014.

COSTA, Leda Maria. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DAIUTO, M. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo: Editora Iglu, 1991.

DUARTE, Orlando. **História dos Esportes**. 3. Ed. São Paulo: Senac, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas,. 2008.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política**, vol.4, n.7, p.19-36, 2003.

Jornais **O Globo**. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>

MALVEIRA, Auri. **Wlamir Marques: O Diabo Loiro**. São Paulo: Panda Books, 2013.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004. Tradução de Wladir Dupont.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. 2007. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>> Acesso em 04 de dezembro de 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

RUBIO, Katia. **O imaginário da derrota no esporte contemporâneo**. Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, v. 18, n.1, p. 86-91, 2006.

SCHMIDT, Oscar. **Conquistando o Sucesso**. São Paulo: Komedi, 2009.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2001.

Tudo Sobre Nenê. **Época**, 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2016/08/nene.html>> Acesso em 04 de fevereiro de 2023.

VIEIRA, Inês Zena Almeida. **Delicadeza e espírito de grupo**: o basquetebol como invenção cultural. 2009. 173f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2009.